



NABUCO – SEU TEMPO E SEU LEGADO

Encontro de celebração do centenário de morte de Joaquim Nabuco, organizado pela Embaixada do Brasil em Washington, D.C, pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América e a Academia Brasileira de Letras.

BIBLIOTECA DO CONGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS –
THOMAS JEFFERSON
WASHINGTON D.C.
23 de novembro de 2010

DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Conferencistas

Embaixador Mauro Vieira
Acadêmico Ivo Pitanguy
Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti
Professor Leslie Bethell
Professor D.K. Jackson
Deputado Maurício Rands

Nabuco – seu tempo e seu legado

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Em primeiro lugar gostaria de saudar e agradecer ao Dr. James Billington, pois ele é o responsável pela realização do desejo da Academia de promover o evento de hoje. Nosso evento também encontra em Mauro Vieira determinação e entusiasmo. Sua história diplomática é de constante apoio e incentivo à cultura brasileira. Mauro é um homem de compromisso total com a política cultural do Brasil e com as relações do Brasil com o mundo. Ele é um cidadão da Diplomacia com uma história muito abrangente de serviços prestados à relação entre os povos. Obrigado ao embaixador Mauro Vieira, por seu apoio às comemorações do Nabuco.

Gostaria também de saudar Leslie Bethell, um veterano dos estudos de temas brasileiros em geral, e de Joaquim Nabuco, em particular. Posso dizer o mesmo do professor D. K. Jackson, que tem importantes trabalhos dedicados à questão Nabuco. Aqui comigo também o professor Ivo Pitanguy, que é um nome de orgulho para o Brasil. Poucos médicos no mundo partilham o seu prestígio. Está claro para mim que Ivo Pitanguy trata seus clientes à luz dos valores humanos e médicos. Também comigo, outra referência

* Marcos Vinícios Vilaça é Membro da Academia Brasileira de Letras, ex-Ministro do Tribunal de Contas da União, e ex-professor da Faculdade de Direito do Recife.

da Diplomacia brasileira, Geraldo Holanda Cavalcanti, que acrescenta às suas qualidades de intelectual, poeta, historiador e memorialista, a de ser de Pernambuco. Para nós, Pernambuco é o centro do mundo. Tudo começa em Pernambuco. Também aqui está o deputado federal Maurício Rands, que eu admiro muito. Devo confessar que a admiração que tenho por ele é muito sincera, porque Maurício Rands é um adversário político da minha família. Portanto, para podermos admirar um adversário, ele tem que ser muito bom. Maurício Rands é um deputado muito bom, um político muito bom, honesto, dedicado aos seus estudos e dedicado ao seu papel. Espero não ter esquecido as pessoas de quem gostaria de falar hoje, para que eu possa colocar em ordem, mais ou menos, o que eu quero dizer.

Nabuco é uma avalanche sobre nossas cabeças. Ele traz à tona muitas questões que aquele de nós que vá estudá-lo necessariamente torna-se confuso. Eu vou tentar organizar um pouco as ideias que tenho sobre Nabuco. Se eu me estender por muito tempo, por favor, perdoem. Aqueles que vêm para conferências como estas têm que estar prontos para ouvir discursos. Por favor, sejam pacientes, pois não vou perder esta oportunidade, estar de volta à Biblioteca do Congresso, ter o prazer de aqui falar. A primeira emoção que eu tive nesta biblioteca foi alguns anos atrás, quando nós visitamos a seção de livros do Brasil e onde eu timidamente tentei ver se havia algum livro de Marcos Vilaça. A funcionária me ajudou a abrir um classificador e encontrei alguns dos meus livros. Isso foi uma grande alegria para mim. Se eu fiz isso para a Biblioteca do Congresso, vou fazê-lo em outras bibliotecas no mundo. Não vou perder a oportunidade de dizer isso. Essa foi a primeira alegria que eu tive em estar na Biblioteca do Congresso. A segunda é a alegria de hoje.

Eu queria dizer que estas celebrações em torno de Joaquim Nabuco não foram e nem serão nunca apenas uma etapa de meros atos festivos, ou simples registros de alguns momentos. Sem memória, os sentimentos são perdidos. A memória é necessária para sentir-se a relevância do tempo, para medir o tempo. Sem memória, perdemos o presente, que desaparece à medida que ele se torna um passado que está morto. Sem um passado, perde-se o sonho e o homem torna-se vazio de referências de pessoas e lugares. Aquele que

perde sua memória também perde a sua vontade. Ele ainda permanece e não pode encontrar a si mesmo.

Aqui estamos para reafirmar as grandes obras de Joaquim Nabuco. Ideais que foram divulgados em livros, *stands*, em aulas no exterior, em mesas de negociação internacionais, em debates parlamentares, nas páginas dos jornais, a partir das palavras do povo, que o chamava de Quincas. Quando da Terceira Conferência Pan-Americana realizada no Rio de Janeiro, os delegados brasileiros foram surpreendidos com a popularidade de Joaquim Nabuco. Gilberto Freyre escreveu que a partir daquele momento Nabuco torna-se o grande brasileiro de seu tempo, de todos os tempos. Alceu Amoroso Lima, um grande nome da literatura brasileira, considerada Nabuco a mais brilhante imagem do Brasil e do Humanismo, a personagem mais harmonioso da nossa história cultural.

Durante as celebrações deste ano, a visão de Nabuco como um modelo se impôs para sempre na cultura chamado canônica. Joaquim Nabuco, como agente de transformação social, conduziu o povo na luta pela liberdade, uma questão a ser discutida pelo deputado Maurício Rands, e uma que realmente me agrada. Para Nabuco, a abolição não foi o suficiente – o que ele realmente queria era a transformação. Suas palavras: “acabar com a escravidão não nos basta, é preciso destruir a obra da escravidão”. Por essa razão, seu livro *Minha Formação* é o seu melhor retrato, o seu melhor momento, também pela maneira como ele retrata o cidadão do mundo, restituição do extraviado, ao seu chão. Ele sempre disse: “Sou cativo de Pernambuco”.

A Academia Brasileira de Letras é, em grande parte, o contraste entre dois homens inseparáveis, Machado de Assis, que humildemente se transformou em um aristocrata das letras, e Nabuco, que, pertencendo à hierarquia do Império, fez-se humilde para ouvir melhor os gritos de liberdade. Deve-se notar que a Academia se aproxima do centenário da morte de Nabuco com a curiosidade permanente e empatia completa, tal como aconteceu no caso de Machado de Assis.

Estamos a promover ciclos de conferências em Bolonha, Roma, Londres, Buenos Aires, sobre seu trabalho. Estamos procurando expandir em todo o mundo o reconhecimento de suas obras. Fomos nos curvar reverentes no

Recife e em Massangana onde ouvimos as badaladas do sino da capela de São. Mateus e seu “Muezzin Íntimo”. Tudo isso na abordagem tríplice, como ensinado por Agostinho de Hipona, no que diz respeito ao triplo presente. O presente do passado, que é a memória, o presente do presente, que é a percepção, e o presente do futuro, que é a esperança.

A guerra holandesa no Brasil ajudou a pôr ainda com mais evidência diante dos nossos olhos o problema racial, já que brancos, negros e índios se envolveram na arrumação da sociedade étnica que estava em formação.

O negro era raça cativa, de um pobre destino, mas ao braço escravo passou-se a responsabilidade pela sustentação de governos e de economia. Desafiar o Império era, mais tarde, lutar contra a escravidão.

José Bonifácio, na carta de 1823, propôs sua famosa Representação contra a escravidão. Mostrou até que o trabalho livre era mais rendoso que o servil e afirmava que o Brasil não seria plenamente uma nação enquanto não transformasse escravidão em plenitude de cidadania. Se a Representação tivesse prosperado a história seria outra.

Estávamos independentes, mas a servidão humana continuava. Os leilões prosseguiram no Mercado do Valongo. O negro, que poderia ter sido libertado, pelo menos por conta do seu braço forte na expulsão dos holandeses, continuava escravo. Ninguém pensou em libertá-lo. O escravo era *res nullius*.

A surpresa viria com Nabuco. O aristocrata, destinado a ser mais adiante um par do Reino, despertara em Massangana. E para sempre teria saudade do escravo e horror à escravidão. Saudade dos santos pretos.

Nas comemorações deste ano essa visão dele como *modelo* vem se impondo em definitivo na cultura dita canônica.

A Academia Brasileira de Letras é em grande parte o contraste entre dois homens inseparáveis: Machado de Assis, o humilde que se fez aristocrata das letras, e Nabuco, que pertencendo à hierarquia do Império, se fez humilde, para melhor escutar os gritos de liberdade.

Explica-se que a Academia registre o centenário de morte de Joaquim Nabuco com permanente curiosidade e completa empatia, tal como fez em relação a Machado de Assis.

Nabuco se extremou como espécie de figura quase apostólica de abolicionista, como disse Gilberto Freyre.

Esse apostolado radicalizou a ação nabuquiana, que não se batia apenas por mudanças, mas por eficiente transformação, repito e insisto.

Casa Grande & Senzala deixa bem claro de como em relação à história da abolição passamos do preconceito ao conceito.

Em *O Abolicionismo*, Nabuco observa que noutros países a luta contra a escravidão não tinha o caráter de reforma política primordial, porque “não se queria a raça negra para elemento permanente da população, nem como parte homogênea da sociedade”.

A Academia Brasileira de Letras, testemunha dos tempos e mensageira do passado como provocação das construções do hoje e do amanhã, ativamente está comprometida a cultivar a personalidade de Joaquim Nabuco, a rastrear sua fascinação política, sua estética atraente, sua personalidade a um só tempo singular e plural. O fatiamento ideológico de que talvez seja vítima não nos impede de apreendê-lo em sua totalidade. A fatia que nos coube não seria o que é se não alimentasse, como o comprova a sua biografia devidamente registrada pela historiografia, a compreensão da atualidade e, inclusive, do futuro de nossa realidade e utopia brasileiras.

Rubén Dario reconhece que nos pensamentos de Nabuco a profundidade alcançada, quase sempre através de uma bela imagem, está a indicar quanto frequentava os poetas e os livros santos.

Como observou Roberto Cavalcanti de Albuquerque, um de seus maiores estudiosos, dedicamo-nos a desvestir nele a bipolaridade de razão e sentimento, a inglesa impressão aristocrática, a impressão literária tão francesa, a italiana impressão artística e a civilização material tão americana. Escanear o monarquista que se converteu a um certo republicanismo é tarefa prazerosa.

Diz ele, a propósito de um duplo pertencer, à América e à Europa, sofrido pelos brasileiros de seu tempo e formação:

Nós, brasileiros—o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos— pertencemos à América pelo **sedimento novo, flutuante, do nosso**

espírito, e à Europa, por suas **camadas estratificadas**. Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquele. A nossa imaginação não pode deixar de ser europeia, isto é, de ser *humana*; ela não para na *Primeira Missa no Brasil*, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica.

Continua Nabuco, incapaz agora de negar a ambiguidade de um sentimento verdadeiro para ele – de dupla ausência:

Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades (...). (...) na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e (...) na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência de país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação, europeia. **As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno e Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre.** No meio do luxo dos teatros, da moda, da política, somos sempre *squatters*, como se estivéssemos ainda derribando a mata virgem.

Ele prossegue, consciente do que corajosamente revela:

Eu sei bem, para não sair do Rio de Janeiro, que não há nada mais encantador à *vista* do que (...) os parques de São Clemente, o caminho que margeia o aqueduto de Paineiras na direção da Tijuca, a ponta

de São João, com o Pão de Açúcar, vista do Flamengo ao cair do sol. Mas tudo isso é ainda, por assim dizer, **um trecho do planeta de que a humanidade não tomou posse; é como um Paraíso Terrestre antes das primeiras lágrimas do homem (...)**. Não quero dizer que haja duas humanidades, a alta e a baixa, e que nós sejamos desta última; **talvez a humanidade se renove um dia pelos seus galhos americanos; mas, no século em que vivemos, o espírito humano**, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlântico; o Novo Mundo, para tudo o que é imaginação estética ou histórica é uma verdadeira solidão, em que aquele espírito se sente tão longe das suas reminiscências, das suas associações de ideias, como se o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança e ele devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como criança, tudo o que aprendeu sob o céu da África...

Conclui Joaquim Nabuco afirmando que, com a maturidade, consolida-se nele, “ao sol tropical”, a opção pela pátria:

A instabilidade a que me estou referindo está grandemente modificada, a dualidade desapareceu em parte (...). Na mocidade fui um errático (...). Quando, porém, **entre a pátria, que é o sentimento, e o mundo, que é o pensamento**, vi que a imaginação podia quebrar a estreita forma em que estavam a cozer ao sol tropical os meus pequenos debuxos de almas. (...), deixei ir a Europa, a história, a arte, guardando do que é universal só a religião e as letras.

Está explicada a razão de nos termos movido, com o estímulo das nossas embaixadas, com a sabedoria de centros universitários, com as lições de nabuquianos de todo mundo para aqui comparecer em conagração nabuquiano.

Em 21 de outubro de 1906, um Joaquim Nabuco cansado, feliz com o êxito da Conferência Pan-Americana do Rio, revê, do navio que o conduzia

de volta aos Estados Unidos, o seu Recife pela última vez: “Ao longe (...), o cabo de Santo Agostinho, toda a paisagem familiar da costa pernambucana, a orla branca da praia, os coqueiros, as colinas verdes. À tarde, defronte do Recife. Não desembarco. Depois que se vão os amigos, os moços da academia, fico a olhar para o ocaso que flameja como um Turner sobre Olinda. À noite, a lua forma, uma caravela de ouro, sobre uma nuvem negra. E assim me despeço do Recife, talvez para sempre.”

Escreve Roberto Cavalcanti: “A referência a Joseph Mallord William Turner (1775-1851), o grande paisagista inglês do século XIX, sua luz e cores imbatíveis em transparência e palidez, trai o olhar europeu. O sentimento segue sendo o de romantismo tardio. Cruel, sua razão investiga o organismo debilitado, endurecendo pela arteriosclerose. A vermelhidão do rosto, sinal do excesso de hemácias resultantes da policitemia, empresta-lhe, em contraste, aspecto sadio.”

Os crepúsculos são curtos, dissera certa vez à mulher. O dele seria longo, penoso, vivido quase todo nos Estados Unidos, e de permeio a atividade diplomática e intelectual que cada vez lhe pesava mais. No verão de 1907, confessa-se fatigado. “Não fui feito para velho”, reclama. E escreve a Machado de Assis (1908): “É uma grande privação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobretudo acabar assim. Mas espero voltar ainda antes da noite”. Miragem. Sem tempo de serviço para aposentar-se, sem recursos para sobreviver com a família numerosa, Nabuco teve que cumprir seguindo jornada interminável. Além da surdez, já antiga, a dor de cabeça, a sonolência não mais o deixavam. “Cheguei aos 60 anos sem fôlego e exausto da longa ascensão da vida”, escreveu em agosto de 1909. “Agora, para a descida, tenho que usar outros músculos, não mais os do impulso, mas os da resistência”.

A morte colheu Joaquim Nabuco em Washington a 17 de janeiro de 1910. Pouco antes, ele afastou com esforço o torpor que o dominava e balbuciou ao médico: “Doutor, pareço estar perdendo a consciência... Tudo, menos isso!...”

Os seus restos mortais foram para o Rio, depois para o Recife, onde estão sepultados, por desejo dele e vontade do povo pernambucano.

Um ano antes, em janeiro de 1909, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo escrevera em seu diário: “O corpo pode ser demolido, não o seja nunca o espírito”.



NABUCO – HIS TIME AND HIS LEGACY

Meeting in celebration of the centenary of Joaquim Nabuco's death, organized by the Embassy of Brazil in Washington, DC, the Library of US Congress and the Brazilian Academy of Letters.

LIBRARY OF U. S. CONGRESS – THOMAS JEFFERSON

WASHINGTON D.C.

November, 23, 2010

OPENING SPEECH BY THE PRESIDENT OF
THE BRAZILIAN ACADEMY OF LETTERS

ACADEMIC MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Lecturers

Embaixador Mauro Vieira
Acadêmico Ivo Pitanguy
Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti
Professor Leslie Bethell
Professor D.K. Jackson
Deputado Maurício Rands

Nabuco – his time and his legacy

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

I would first like to greet and thank Dr. James Billington, for he is the one responsible for fulfilling the Academy's wish to promote today's event. Our event also finds in Mauro Vieira the soul, the determination and the enthusiasm. His diplomatic history is one of constant support and encouragement of Brazilian culture. Mauro is a man of complete commitment to the cultural policy of Brazil and to Brazilian relations with the world. He is a citizen of diplomacy with a very comprehensive history of services rendered to the relationship between peoples. Thank you, Ambassador Mauro Vieira, for your support to the celebrations of Nabuco.

I would also like to greet Leslie Bethell, a veteran in the studies of Brazilian issues in general and of Joaquim Nabuco in particular. I can say the same for Professor Jackson, who has important works dedicated to the Nabuco issue. Here with me is also Professor Pitanguy, who is an object of pride for Brazil. Few doctors in the world share his prestige. It is not clear to me whether Ivo Pitanguy treats his clients in light of human values or medical ones. Also with me is another reference of Brazilian diplomacy, Geraldo

* Marcos Vinícios Vilaça is a member of the Brazilian Academy of Letters, former Minister of the Court of Audit and former professor at the Law School of Recife.

Hollanda Cavalcanti, who adds to his qualities of intellectual, poet, historian and memorialist, that of being from Pernambuco. For us, Pernambuco is the center of the world, everything begins in Pernambuco. Also here is Federal Representative Mauricio Rands, who I admire very much. I must confess that the admiration I have for him is very sincere because Mauricio is a political opponent of my family. Therefore, in order for us to admire an opponent, he has to be very good. Maurício is a very good congressman, very good politician, honorable, devoted to his studies and dedicated to his role. I hope I haven't forgotten the people whom I would like to mention today so that I can put in order, more or less, what I want to say.

Nabuco is an avalanche upon our heads. He brings forth so many issues that those of us who study him become necessarily confused. I will try to organize a bit the ideas I have regarding Nabuco. If I carry on too long, please forgive. Those who come to conferences such as these have to be ready to listen to speeches. Please be patient for I will not loose this opportunity, being back at the Library of Congress, of having the pleasure of speaking. The first thrill I had in this Library was a few years ago when we visited the section of Brazilian books and where I timidly tried to see if there were any books by Marcos Vilaça. The person that helped me opened a classifier and found some of my books. That was a great joy for me. If I've made it to the Library of Congress, I will make it to other libraries in the world. And, at that time, none of my other books had been translated into other languages. I won't miss the opportunity to say that. That was the first joy I had at being in the Library of Congress. The second joy is that of today.

Very well, I wanted to say that these fortunate celebrations around Joaquim Nabuco never were and never will be just a stage of mere festive acts, or a simple anatomy of moments. Without memory, feelings are lost. Memory is needed in order for one to feel the relevance of time, to measure time. Without memory, we loose the present, which disappears as it becomes a past that is dead. Without a past, one loses the dream and man becomes empty of people and places. He who loses his memory also loses his will. He remains still and can't find himself.

Here we are to reconfirm the great works of Joaquim Nabuco. Ideals that were made known in books, stands, protests in the street, in classes abroad, in international negotiation tables, in parliamentary debates, in the pages of newspapers, from the words of the people, that called him Quincas. When the Third Pan-American Conference took place in Rio de Janeiro, the Brazilian delegates were amazed with Joaquim Nabuco's popularity. Gilberto Freire wrote that from that moment on Nabuco becomes the great Brazilian of his time, of all time. Alceu Amoroso Lima, a great name of the Brazilian Literature, considered Nabuco the most shining image of Brazilian Humanism and the most harmonious character in our cultural history.

During this year's celebrations, the view of Nabuco as a role model has imposed itself for good in the so called canonic culture. Joaquim Nabuco, as an agent of social transformation, led the people in the fight for freedom, an issue to be discussed by Representative Mauricio Rands, and one that truly pleases me. For Nabuco, abolition was not enough – what he really wanted was transformation. His words: “to end slavery is not enough for us; we need to destroy the work of slavery”. For that reason, his book “My Formation” is his best portrait, his best moment, also because of the way he portrays the citizen of the world. The Brazilian Academy of Letters is in great part the contrast between two inseparable men, Machado de Assis, who humbly turned himself into an aristocrat of the letters, and Nabuco who, belonging to the hierarchy of the Empire, made himself humble to better hear the cries for freedom. It must be noted that the Academy approaches the centenary of death of Nabuco with permanent curiosity and complete empathy, just as it did in the case of Machado de Assis.

We are promoting a cycle of conferences in Bologna, Rome, London, Buenos Aires, about his work. We are seeking to expand around the world the recognition of his works. We bowed, in Massangana, to the tolling bells of São Mateus, his “intimate muezzin”. All of this in the trivium approach, as taught by Augustine of Hippo, with regards to the triple present. The present of the past, which is memory; the present of the present, which is perception; and the present of the future, which is hope.

The Dutch period in Brazil, which took place in Pernambuco, helped bring into evidence the racial question, since whites, blacks and indians became involved in the social arrangements being put into place. The Blacks were the captive race, a tragic destiny, but it was in the hands of the slaves that lay the responsibility for sustaining governments and economies.

José Bonifácio, in the Constitution of 1823, proposed his well-known argument against slavery, arguing that free labor was more profitable than slave labor. It stated that Brazil would never be fully a nation until it had turned slavery into full citizenship. Had such idea prospered our History would have been different and Nabuco's role would have been easier. We were independent, but human bondage remained. The blacks, who could have been freed, at least in retribution to their strong role in fighting the Dutch, remained slaves. Nobody thought of freeing them at that time.

Nabuco almost became an extreme exponent of abolition. In *Abolition*, one of his most important books, Nabuco notes that in other countries, the fight against slavery was fundamentally one of political reform, for one did not wish to have the African race as a permanent element of the population or as an equal part of society.

The Brazilian Academy of Letters is a witness of time and a messenger of the past. But a messenger that provokes the confessions of today and of tomorrow. The Academy is actively committed to the preservation of the image and history of Joaquim Nabuco, to following his political fascination, his pleasing sense of aesthetic and his singular and plural and personality. The ideological segmentation of which he may have been a victim shouldn't keep us from appreciating him as a whole. The segment that was left for us isn't what it is had it not flourished, as we can see from his biography, from a comprehension of the moment, which includes the future of our reality and the Brazilian people.

Nabuco's thinking and the depths which he reached almost always through the use of beautiful images are attested in his affinity and constant reference to the poets. The bipolarity of reason and feeling is dominant in Nabuco.

The feeling of the very aristocratic English impression, of the very literary French impression, of the Italian artistic impression and the impressive north-American material civilization. He said he belonged to America and Europe. We, Brazilians, can say the same about the people of the Americas – we belong to America by means of the new suspended sediments of our spirit and to Europe by through its stratified layers.

Getting back to Nabuco, now with regards to the ambiguity of a feeling that was real to him: that of the double absence. “We are bound to the worst kind of instability. In America, our landscape, our life, our horizon, our architecture and all that surrounds us, lack a historic backdrop, the human perspective. In Europe, we lack our homeland, that is, the way in which in each one of us humanity was cut out.”

There is always this controversial issue when one studies Nabuco. We have to understand exactly what he meant and in which context.

“For me, all the landscape of the New World, the Amazon Forest or the Argentine pampas is not worth a small stretch of the Via Appia, a turn of the road from Salerno to Amalfi, a part of the Seine river dock under the shades of the old Louvre”

And he goes on:

“I know that, to stay within Rio de Janeiro, that there is nothing more enchanting to the eyes than the parks of São Clemente, the road that follows the Paineras water duct out to Tijuca, the tip of São João, with the Sugar Loaf, the view of Flamengo at dusk. But all of this is still, so to speak, a part of the planet not yet seized by humanity, like Paradise before mankind’s first tears.”

“I don’t mean to say that there are two humanities, the high and the low and that we belong to that latter. Perhaps humanity will renew itself one day through its American branches, but in the century we live in, the human spirit, which is one and terribly centralized, lies at the other

side of the Atlantic; the New World, for everything related to esthetical imagination or history, is of true loneliness, in which the spirit feels so far away from its reminisces, from its flow of associations, as if the past of the human race had been wiped out from its memory.”

And Nabuco concludes:

“The instability to which I am referring to has changed considerably, the duality is partially gone. In my youth, I was erratic. However, between the homeland, which is emotion, and the world, which is reason, I realized that the imagination could break the narrow way in which the small sketches of my soul were taking shape under the tropical sun, I let go of Europe, history, art, keeping from what is universal only religion and literature.”

In October 21 1896, a weary Joaquim Nabuco, happy with the successful outcome of the Pan-American Conference, aboard the ship that would bring him back to the United States, took what would be his last look at our Recife and wrote as follows:

“In the horizon, the Cape of Santo Agostinho. All of the familiar landscape of the coast of Pernambuco, the white shore of the beaches, the coconut trees, the green hills; the afternoon facing Recife. I do not disembark. Once the friends, the youth of the Academy are gone, I remain looking at the setting sun that shines like a Turner over Olinda; at night, the moon makes a ship, a golden flagship, over a dark cloud. And thus I bid farewell to Recife, perhaps forever.”

Twilight is short, he once said. His own was not. It would be a long, hard process, intertwined with political activities here in the United States, which took a heavy toll on him. In the winter of 1907, he admits that he is tired. “I was not born for old age”, he complains.

He writes to Machado de Assis, his great friend, with whom he had no rivalry:

“It is a great privation, to live away from friends, in a strange land, as a foreigner. It is especially so to finish like this, but I hope to return before the night comes”.

Not having enough years of office to retire, without financial means to survive with a large family, Nabuco had to keep working very long hours. Besides his deafness, which was not new, headache and fatigue never left him anymore.

Death would come to Nabuco on January 1910. Right before, he managed to fight the haze that dominated him and mumbled in his physician’s ear: “Doctor, I seem to be loosing consciousness – anything but that”. His mortal remains were sent to Rio de Janeiro, than Recife. One year before that, in January of 1909, Nabuco had written in his journal: “the body can be demolished. May the spirit never be so”.

The spirit of Nabuco was never demolished.



A Mesa dos trabalhos. A partir da esquerda: o Deputado Federal Maurício Rands, o Acadêmico Ivo Pitanguy, o Presidente da ABL, Acadêmico Marcos Vinícius Vilaca, que presidiu o encontro, o Acadêmico Geraldo Holanda Cavalcanti, o Professor Leslie Bethell e o Professor D. K. Jackson.

From left: Congressman Maurício Rands, Academic Ivo Pitanguy, BAL's President, Academic Geraldo Holanda Cavalcanti, Professor Leslie Bethell and Professor DK Jackson.



O Presidente da ABL discursa.
The BAL's President delivers his speech.



O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça abre os trabalhos do encontro.
Academic Marcos Vinícios Vilaça opens the proceedings of the meeting.



Discursa o Presidente da Academia Brasileira de Letras na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos — Thomas Jefferson.

The President of the Brazilian Academy of Letters at the Library of U.S. Congress —Thomas Jefferson.



Aspecto do encontro em Washington, na abertura do encontro “Nabucco — seu tempo e seu legado”.
An aspect of the meeting in Washington at the opening of “Nabucco, his time and his legacy” meeting.

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA PATRONOS

01	Adelino Fontoura
02	Álvares de Azevedo
03	Artur de Oliveira
04	Basílio da Gama
05	Bernardo Guimarães
06	Casimiro de Abreu
07	Castro Alves
08	Cláudio Manuel da Costa
09	Domingos Gonçalves de Magalhães
10	Evaristo da Veiga
11	Fagundes Varela
12	França Júnior
13	Francisco Otaviano
14	Franklin Távora
15	Gonçalves Dias
16	Gregório de Matos
17	Hipólito da Costa
18	João Francisco Lisboa
19	Joaquim Caetano
20	Joaquim Manuel de Macedo
21	Joaquim Serra
22	José Bonifácio, o Moço
23	José de Alencar
24	Júlio Ribeiro
25	Junqueira Freire
26	Laurindo Rabelo
27	Maciel Monteiro
28	Manuel Antônio de Almeida
29	Martins Pena
30	Pardal Mallet
31	Pedro Luís
32	Araújo Porto-Alegre
33	Raul Pompéia
34	Sousa Caldas
35	Tavares Bastos
36	Teófilo Dias
37	Tomás Antônio Gonzaga
38	Tobias Barreto
39	F.A. de Varnhagen
40	Visconde do Rio Branco

FUNDADORES

Luís Murat
Coelho Neto
Filinto de Almeida
Aluísio Azevedo
Raimundo Correia
Teixeira de Melo
Valentim Magalhães
Alberto de Oliveira
Magalhães de Azeredo
Rui Barbosa
Lúcio de Mendonça
Urbano Duarte
Visconde de Taunay
Clóvis Beviláqua
Olavo Bilac
Araripe Júnior
Sílvio Romero
José Veríssimo
Alcindo Guanabara
Salvador de Mendonça
José do Patrocínio
Medeiros e Albuquerque
Machado de Assis
Garcia Redondo
Barão de Loreto
Guimarães Passos
Joaquim Nabuco
Inglês de Sousa
Artur Azevedo
Pedro Rabelo
Luís Guimarães Júnior
Carlos de Laet
Domício da Gama
J.M. Pereira da Silva
Rodrigo Octavio
Afonso Celso
Silva Ramos
Graça Aranha
Oliveira Lima
Eduardo Prado

MEMBROS EFETIVOS

Ana Maria Machado
Tarcísio Padilha
Carlos Heitor Cony
Carlos Nejar
José Murilo de Carvalho
Cícero Sandroni
Nelson Pereira dos Santos
Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
Alberto da Costa e Silva
Lêdo Ivo
Helio Jaguaribe
Alfredo Bosi
Sergio Paulo Rouanet
Celso Lafer
Marco Lucchesi
Lygia Fagundes Telles
Afonso Arinos de Mello Franco
Arnaldo Niskier
Antonio Carlos Secchin
Murilo Melo Filho
Paulo Coelho
Ivo Pitanguy
Luiz Paulo Horta
Sábato Magaldi
Alberto Venancio Filho
Marcos Vinícios Vilaça
Eduardo Portella
Domício Proença Filho
Geraldo Holanda Cavalcanti
Nélida Piñon
Merval Pereira
Ariano Suassuna
Evanildo Bechara
João Ubaldo Ribeiro
Candido Mendes de Almeida
João de Scantimburgo
Ivan Junqueira
José Sarney
Marco Maciel
Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT



